

ESTÁGIO SUPERVISIONADO: EXPERIÊNCIAS, REFLEXÕES, APRENDIZAGEM E FORMAÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE*

Fabírcia de Carvalho Paixão (AC)¹

UNESPAR – Campus de Campo Mourão

fah-carvalho@hotmail.com

Thais Michele Mártires (AC)²

UNESPAR- Campus de Campo Mourão

thamy_thaismichelli@hotmail.com

Resumo:

Este relato de experiência tem por objetivo analisar e refletir sobre a organização dos estágios no curso de formação de professores de matemática, com a finalidade de compreender como as práticas dão subsídios para a ampliação da noção dos graduandos em relação a profissão e para a formação da identidade docente. Procuramos relatar a experiência e aprendizagem que obtivemos durante as práticas de estágio e para darmos estrutura a esse texto fizemos uso da pesquisa bibliográfica em fontes primárias e secundárias e relato de experiência de prática de estágio.

Palavras-chave: Prática de Estágio; Matemática; Reflexão; Identidade docente.

1. Introdução

As práticas de estágio supervisionado é uma experiência essencial para a formação de qualquer profissional, sendo assim o objetivo que norteou este trabalho tem por base propor uma reflexão e análise a respeito da organização das práticas de estágio no curso de licenciatura em matemática da UNESPAR Campus de Campo Mourão. Baseados em referenciais de fontes primárias, secundárias e relato de experiência, demos estrutura a este trabalho e relatamos a experiência e aprendizagem adquirida nas práticas de estágio supervisionado.

* Trabalho apresentado como atividade de nota parcial da disciplina de Estágio Supervisionado I.

¹ Graduanda do quarto ano do curso de Matemática da Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR-campus de Campo Mourão.

² Graduanda do quarto ano do curso de Matemática da Universidade Estadual do Paraná-UNESPAR-campus de Campo Mourão.

Primeiramente este texto é o resultado das reflexões e análises sobre as práticas e organização dos estágios no curso de formação de professores de matemática. Nos fundamentamos em alguns autores e no decorrer deste trabalho relatamos os momentos de reflexões, aprendizagem e experiências que a prática de estágio supervisionado proporciona. Posteriormente, descrevemos também a contribuição que a relação e o contato entre os professores orientador e supervisor, com o graduando /acadêmico, pode oferecer para a formação da identidade docente do estagiário. E por fim abordamos como uma aproximação entre o graduando e as práticas de estágio, nos anos iniciais do curso, pode contribuir ainda mais com a formação docente do futuro profissional.

2. Reflexões e análises sobre a formação da identidade dos professores de matemática

A graduação especificamente em licenciatura é o início de descobertas e reflexões sobre a atividade docente, o estágio nos fez refletir sobre o que é ser professor, a inserção no ambiente escolar, e outros conflitos que envolvem essa profissão. Decorrente dessa experiência algumas dúvidas vieram a calhar como: é essa a profissão que pretendemos realmente seguir? A insegurança em relação ao futuro profissional faz parte da vida acadêmica em diferentes áreas do conhecimento e a realização das práticas de estágio podem reforçar esta insegurança. Em relação à profissão docente, especificamente nos cursos de licenciatura em Matemática, acreditamos que esta insegurança está cada vez mais presente, devido ao fato de que, para a maioria das pessoas aprender matemática é algo difícil.

Lüdke e Boing (2007, p.1197), destacam ainda a importância de uma formação profissional fortalecida, afim de que, estejam preparados para enfrentar os embates e desafios de um trabalho docente mutante, frente a uma população discente ainda mais mutante. Nas escolas há diversas culturas, o meio social em que os alunos estão inseridos influencia de forma significativa no comportamento dos mesmos. Enquanto ex-alunas do ensino básico e acadêmicas de licenciatura em Matemática, é notório que o tempo destinado para um aprendizado significativo infelizmente é voltado em partes, para outros fins. Como, por exemplo, chamar a atenção de alunos, pedir silêncio, pedir que copiem determinados conteúdos. Um professor qualificado tem papel fundamental em sala de aula, mas mudanças na educação, comportamento da sociedade/pais frente a problemas com seus filhos, problemas do dia a dia, só será possível com a união de sociedade e escola.

Segundo Marinque e Ludke (2008, p. 2) o estágio supervisionado insere o acadêmico em um contexto que pode leva-lo a refletir sobre sua futura profissão. Durante o estágio supervisionado nos deparamos com diferentes contextos, alunos e conteúdos. Isto nos leva a uma reflexão e análise sobre as experiências que tivemos. Estas nos fazem indagar se continuamos a preparação para exercer a profissão docente. Faz nos pensar também sobre como nos encaixaremos no ambiente escolar, não mais na posição de aluno, mas sim na posição de professor já que o caminho entre uma carteira até a frente do quadro vai além de alguns metros de percurso.

Marinque e Ludke (2008, p. 3) acreditam ainda que “[...] A reflexão e a investigação de experiências vivenciadas na escola podem permitir que o graduando realize sua própria interpretação do contexto do trabalho, procurando se descobrir como professor e compreender como se insere nesse trabalho, constituindo assim sua identidade docente.” A inserção do graduando nas práticas de estágio possibilita que ele se encontre e projete-se enquanto futuro professor. Espelhar-se no professor regente da turma de estágio e no professor orientador contribui para o estagiário identificar em si algumas habilidades para o início da docência. Além disso, é um momento de aprendizagem, de conhecimento, de adquirir experiências e conhecer a área que atuará como professor.

Contudo, consideramos o estágio como uma das disciplinas mais importantes, é o momento de união entre teoria e prática. São etapas abertas a mudanças, desde a teoria ao planejamento de aula até sua aplicação, o desenvolvimento das mesmas, a relação professor-aluno, os procedimentos a serem tomados diante de várias situações, contribuem de fato com nosso crescimento pessoal e profissional. O estágio é visto por nós como parte significativa da construção de nossa identidade docente, é a construção de uma formação de qualidade, já que nos permite vivenciar o ser e estar professor, de frente a realidade de uma sala de aula.

3. As contribuições de uma prática de estágio precoce e ampla

O estágio supervisionado inicia-se geralmente nos últimos anos da graduação, é algo preocupante tanto para a formação de novas experiências docentes quanto para reflexões a respeito da profissão. Além disso, a pequena duração da carga- horária de regência também pode influenciar na bagagem de experiências que o acadêmico necessita obter para o início da sua futura profissão.

Conforme Gaertner e Oechsler (2009 p. 9), um fator relevante ocorrente nas grades curriculares é que a disciplina de Estágio Supervisionado geralmente está presente, nos anos, ou semestres finais da graduação de matemática. As autoras acreditam que um motivo para isto ocorrer é que para o graduando assumir uma sala de aula ele deve conter um domínio bom teórico, conhecimentos de métodos e estratégias de ensino. Concordamos com o fato de que o graduando deve ter um bom domínio teórico para posteriormente assumir a docência nos estágios, porém acreditamos que o início tardio das práticas de estágios pode influenciar na profissão docente do graduando. Pensamos que o mesmo necessita de uma grande bagagem de experiências em sala de aula, quanto antes estiver inserido no contexto escolar, mais experiências e reflexões pode-se adquirir.

Além disso, o graduando passará a refletir a respeito de sua futura profissão docente com maior intensidade, uma vez que o estágio pode proporcionar uma reflexão mais profunda em relação a futura profissão, ao iniciar as práticas de estágios. Sendo assim, acreditamos que é necessária a criação de aproximações dos graduandos com o campo de estágio e com profissionais que atuam na docência, para que os graduando de licenciatura possam realizar reflexões em um período antecipado, que amplie sua visão da estrutura educacional, da prática e da atuação do profissional que pode ser futuramente.

Segundo Marinque e Ludke (2008, p. 2) melhores possibilidades do desenvolvimento de uma aprendizagem profissional se dá por conta de estágios que apresentem carga-horária mais duradoura e que o estagiário tenha um papel participativo e não se comporte apenas como expectador e sim na interação com professores experientes. Acreditamos que a longa duração do estágio no contexto escolar é fundamental, uma vez que variadas experiências e aprendizagens irão surgir cada vez mais. Além disso, o contato e a interação com a turma e o professor regente são ações fundamentais que contribuem para a formação do estagiário e a construção da sua identidade docente.

Os apontamentos de Gaertner e Oechsler (2009, p. 9) estão em consonância quando afirmam:

[...] O aumento da carga-horária disponibilizada para a prática de ensino e ampliação de sua ação, o aluno passa a ter um maior contato com as escolas e a sua realidade, o que é um fator muito importante para a sua formação

docente, porque é no desenvolvimento das atividades nas escolas que o aluno irá vivenciar as conexões entre as matérias teóricas por ele aprendidas com a prática na unidade escolar [...].

A junção entre a teoria e a prática é fundamental nos cursos de licenciatura, contudo, acreditamos que o possível aumento da carga horária do estágio supervisionado e a presença do mesmo nos anos iniciais e finais dos cursos de licenciatura em matemática, pode contribuir para a ampliação da formação de docentes em matemática em termos de aprendizagem teórica aperfeiçoamento metodológico e estratégico de ensino.

Intentamos até aqui, problematizar a organização das práticas de estágio no curso de formação de professores de matemática, fizemos alguns apontamentos que acreditamos serem necessários para uma perspectiva mais ampla e efetiva em relação a prática docente. Tais apontamentos são: aproximações dos graduandos nos primeiros anos de curso com a escola campo, aumento de carga horária de estágios e espaços de relação dos graduandos com os profissionais da área.

4. Uma breve história sobre nossa prática de estágio supervisionado

Ao nos inscrevermos no vestibular da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR, campus de Campo Mourão, em 2011, dentre as opções de cursos oferecidos por essa instituição de ensino (IES), licenciatura em matemática, foi o curso que mais nos atraiu. Isto ocorreu pelo fato de nos identificarmos com matemática desde o ensino médio e não por ser uma profissão que nos levaria a uma futura docência. Ao iniciarmos o curso em 2012, nos deparamos com uma grade curricular no primeiro ano composta de matérias voltadas para a matemática aplicada. Isto nos trouxe dificuldades pelo pouco conhecimento adquirido no ensino fundamental e médio, pensando até mesmo em uma futura desistência.

Durante os 3 primeiros anos do curso, sendo que 2º foi voltado também para recuperar uma dependência, conseguimos nos adaptar a faculdade com o auxílio de grupo de estudos e assim no 3º ano iniciamos a disciplina de estágio supervisionado I. A carga horária total das práticas de estágio é de 25 horas/aulas, da qual 5 horas aulas foram de observação e 20 horas aulas foram destinadas a regência em uma Escola Estadual de Campo Mourão no 3º bimestre.

O Primeiro bimestre da disciplina de estágio foi voltado para resolução de problemas. Trabalhamos com algumas resoluções de problema do PISA de 2015, e a dinâmica para resolvê-los foi a seguinte: primeiramente resolvíamos individualmente, depois em grupo e por fim realizávamos uma discussão com o restante da turma, sobre cada problema, resultados obtidos, maneira de procedência para resolvê-los. Durante as discussões surgiram interpretações, resoluções e justificativas diferentes para cada problema o que foi interessante e contribuiu com a nossa regência de estágio, uma vez que cada aluno pode apresentar uma resolução e justificativa diferente e cabe a nós professores compreendermos o que foi feito e se necessário intervir na justificativa do aluno ou não. A dinâmica de resolução de problemas nos incentivou a trabalhar com essa metodologia durante a regência de estágio.

O segundo bimestre da disciplina foi voltado para a elaboração de micro-aulas. Na primeira seção de micro aulas nosso professor determinou o conteúdo de 6º ano que cada um, individualmente, iria apresentar para o restante da turma. A duração de cada aula tinha em torno de 50 minutos e antes de aplicarmos o conteúdo com nossa turma, apresentávamos um plano de aula para nosso professor da disciplina, que o corrigia e apresentava sugestões. A maneira de como aplicar, exercícios, dinâmicas, elaboração de avaliação, correção, entre outros aspectos, era total responsabilidade de cada um.

Na segunda seção de micro aulas, trabalhamos com conteúdos voltados para turmas de 8º ano, e a escolha dos mesmos ficou sobre nossa responsabilidade e o restante da dinâmica dessa segunda seção foi análogo a primeira. Durante todo momento das apresentações e participações fomos avaliados tanto por nosso professor quanto pela turma, que preenchia um questionário contendo os pontos positivos e negativos das aulas assim como algumas sugestões em relação a nossa conduta. A experiência da dinâmica de micro aulas nos proporcionou aprendizagem deste o momento de se preparar uma aula até avaliar cada acadêmico.

Em outubro de 2015, iniciamos a regência de estágio em uma turma de 7º ano, com aproximadamente 28 alunos, no período vespertino. Observamos a atuação da professora regente e como a turma se comportava durante as aulas. Percebemos neste momento que a professora possuía domínio sobre os alunos, que permaneciam em silêncio, eram participativos durante a explicação do conteúdo, bem como durante a correção dos exercícios que eram destinados como tarefa.

Finalizado o período de observação, demos início a regência. Antes disto tivemos orientação com uma professora da universidade¹ que nos auxiliou na elaboração dos planos de aula, os quais foram aplicados posteriormente, e também nos observou em nossa regência, com o intuito de nos instruir para um melhor desempenho. No início não foi como esperávamos, o comportamento dos alunos mudou repentinamente em relação ao que tínhamos observado. A turma passou a agir com desrespeito e desinteresse durante as aulas, tínhamos a sensação de que os alunos estavam ‘nos testando’.

De frente com a responsabilidade de assumir a regência da turma, e sendo ex -alunas do ensino básico, notamos que o comportamento dos alunos nos dias atuais reflete no caos que se encontra a educação básica. O desinteresse por parte dos mesmos chega a ser desanimador. Os alunos não enxergam como algo positivo o ato de aprender, e que irá contribuir com o futuro, mas veem a escola, e as aulas como algo chato e obrigatório e não sentem prazer em estar ali. Por isso é fundamental o papel da família no contexto escolar. A união entre pais, filhos e escola pode contribuir tanto para o conhecimento científico quanto para a formação de cidadania do aluno.

Após algumas aulas de regência, vimos que parte do tempo que seria para uma aula de aprendizado, era voltada para chamar a atenção. O que atrasava as aulas e o conteúdo que foi preparado. Tentamos nos adaptar a situação da melhor maneira, procurando estratégias para ‘acalmar’ a turma, e fazer com que a atenção deles fosse voltada para nós, porém de nada adiantou, até que um dia resolvemos ter uma breve conversa mais intensa com a turma. Nosso objetivo era de que a turma entendesse o porquê frequentam a escola e de que estudar pode trazer um futuro promissor, não menosprezando profissões que não necessitem de estudos aprofundados, mas sim motiva-los a se inserirem em uma graduação e concluí-la, e para que isto ocorra é fundamental que eles aproveitem cada oportunidade de aprendizado no ensino fundamental e médio.

Além disso, nosso diálogo teve como intuito pedir algumas mudanças em relação ao comportamento dos alunos durante as aulas como: participação no desenvolvimento das aulas, resolução dos exercícios propostos em sala e tarefas de casa, entrega de trabalhos no prazo determinado, silêncio durante a explicação dos conteúdos, entre outros. Após isso, conversamos com a professora orientadora sobre o que poderia ser feito diante da situação. Pensamos então que a maneira que conduzíamos as aulas não ‘atraia’ os alunos, e conseqüentemente poderia ser mudada, inclusive a metodologia utilizada.

Apesar de a matemática ser ensinada a séculos de maneira tradicional, o que a diferencia é a metodologia utilizada, claro, sempre que possível. Passamos então a elaborar aulas diversificadas, utilizando jogos variados de acordo com o conteúdo, resolução em duplas/grupos, posteriormente a serem apresentadas para toda turma, resolução de situações problemas que se aproximassem do cotidiano deles e solicitamos a ida deles ao quadro para resolver problemas ou exercícios propostos, entre outras dinâmicas, com objetivo de que eles interagissem mais. Aos pouco percebemos mudanças significativas a respeito do comportamento e interesse dos alunos, assim como desempenho dos mesmos e as aulas passaram a ser mais ‘tranquilas’ e com rendimento maior. No entanto, apesar de procurar atividades diferenciadas, notamos que não é sempre possível fazer isso, depende muito do conteúdo que está sendo trabalhado, vimos ainda, que as atividades que predominaram foram em torno de resolução de exercícios, assim como correção dos mesmos.

Os conteúdos aplicados em nossa regência foram Expressões Numéricas, Razão e Proporção e Grandezas Diretamente e Inversamente Proporcionais. A escolha do conteúdo foi realizada pela professora supervisora, que preferiu que seguissemos o livro didático da turma. Durante a aplicação desses conteúdos, percebemos que grande parte da turma apresentava dificuldades em relação a operações com frações, números decimais, potenciação, divisão e tabuada . Procuramos então auxiliar os alunos perante essas dificuldades, ‘ sem que perdêssemos’ o foco das aulas.

Nossas avaliações se realizaram da seguinte forma: trabalhos individuais para serem desenvolvidos em sala, trabalhos individuais para serem resolvidos em casa e provas. No primeiro trabalho individual em sala, percebemos que a turma alterou seu comportamento, não respeitando o momento de silêncio necessário para a resolução dos exercícios e problemas propostos. Observamos também que os alunos esperavam que nós dêssemos as respostas para eles, quando solicitavam nossa ajuda. Outro ocorrido durante esta avaliação foi de que alguns alunos por preguiça não se interessavam em ao menos tentar fazer o que era solicitado. Assim, devido a esses ocorridos procuramos não intervir tanto durante os trabalhos em sala.

Um fato também que queremos relatar é de como ocorreu nossa relação com a professora orientadora e professora supervisora, ambas sempre dedicadas e atenciosas. Nossas orientações ocorreram na UNESPAR, em períodos fora do horário de aula. Durante as orientações discutíamos sobre os conteúdos a serem aplicados, melhorias que poderiam ocorrer em nossos planos de aula, metodologias, comportamento da turma, dificuldades que estávamos

encontrando na regência, dentre outros fatores. A professora responsável por nos orientar sempre se demonstrou atenciosa, compreensiva e procurava nos aconselhar de maneira calma e discreta. Nossa relação e contato com a professora supervisora também fluiu de maneira atenciosa, nos aconselhava, incentivava, se mostrava a disposição para auxiliar em qualquer equívoco e dúvidas. Assim, o aprendizado que estas relações geraram, foi intenso e com certeza de grande contribuição para nossa formação.

Por fim, em novembro de 2015, nossa prática de estágio supervisionado acabou, foram 5 semanas caracterizadas por aprendizagem, um pouco de nervoso e preocupações e também de adquirir novas experiências e conhecimentos. Acreditamos que não existe ‘receita de bolo’, cada professor tem sua maneira, sua essência. Aprendemos muito no estágio e o consideramos como uma troca de experiências, na qual o professor ajuda, ensina o aluno e o aluno também ensina o professor, o que podemos descrever como uma experiência única!

No entanto, ressaltamos que o estágio, embora com pouca carga horária prática, tem uma contribuição fundamental para nós, mas de fato não nos prepara integralmente para uma sala de aula. Acreditamos ainda, que estagiar seja diferente de assumir uma ou várias turmas durante todo o ano letivo, onde cabem vários meios de lecionar, outras responsabilidades, assim como, maturidade para tomada de decisões diante de várias situações que ocorrem dentro de uma sala de aula, que aos poucos iremos adquirindo, conforme formos vivenciando a docência. Com a experiência adquirida até aqui, contando com nossa experiência como ex alunas do ensino básico, notamos que, o que deixa os professores mais desanimados, não é o salário, é a falta de interesse dos alunos, é a insatisfação de não conseguir desempenhar seu trabalho da maneira planejada, isso de fato, meche com psicológico de qualquer ser humano digno, que quer fazer a diferença na vida desses alunos, que quer vencer e vê-los vencer, mais ao invés de os alunos respeitarem o professor, o professor tem que procurar meios de conquista-lo, de ser digno de respeito. Isso deveria acontecer no momento que o aluno pisa na porta da escola, isso se realmente esta ali em busca de conhecimentos.

O que foi possível observar também, é a questão da aprovação que ‘gira’ em torno de nota, e não de alunos aptos a serem aprovados realmente, assim como diferentes idades dos alunos na turma, isso, sem contar nas aprovações de alunos que não possuem sequer a mínima condição de merecer tal reconhecimento. Como consequência devemos pensar, não só nós que estamos rumo a esta profissão, mais todos os educadores, enquanto humanos, que cidadão pretendemos formar? E, além disso, não menos preocupante, é a posição do governo nesse

questo, já que o mesmo se preocupa com números para demonstrar o nível de escolaridade do país. Ao invés de se atentar ao nível real de aprendizado, que de fato, é o que importa, se tratando de formação de cidadãos.

Contudo, não sabemos ainda se é esta a profissão que queremos seguir, embora acreditemos que tenhamos uma base experiente adequada, se tratando de iniciantes como docentes. Temos convicção que se seguirmos carreira, queremos fazer a diferença, e sermos reconhecidas por isso, embora seremos um grão de areia diante de tantos educadores que são meros ‘informadores’, acreditamos que antes de nos formar docentes, somos humanas, independente de qualquer diploma que possamos possuir, podemos aprender mais, se dedicar mais, assim como melhorar o que já sabemos.

5. Considerações finais

Os apontamentos que consideramos relevantes desta experiência, que para nós, foi intensa em vários sentidos são os momentos de reflexão, contribuição para formação de nossa identidade docente que o estágio proporcionou e de que como um possível aumento nas práticas de estágio pode proporcionar um melhor aproveitamento desses momentos.

Como já mencionamos as práticas de estágio nos fizeram refletir sobre o que é ser professor e sobre o contexto que esta profissão nos envolve. Consideramos este momento de reflexão e análises fundamental para o estagiário e é relevante que nós acadêmicos passemos por ele, já que este pode nos levar a indagar se continuamos ou não a preparação para exercer a profissão docente. Nossa intenção não é apontar o estágio como um momento que vai proporcionar evasões nos cursos de licenciatura, pelo contrário, acreditamos que as práticas de estágio podem amadurecer o acadêmico e motiva-lo a construir e melhorar sua identidade docente cada vez mais, ou seja, se ‘encontrar’ na profissão, descobrir se é esta a carreira que pretende seguir de fato. Por isso, consideramos que o momento de reflexão pode contribuir com a formação profissional, especificamente na formação docente.

Faz-se importante ressaltar que o contato com a professora orientadora e a supervisora de estágio oferecem subsídios para a formação da nossa identidade docente. Esta interação é composta por aprendizagem, experiência e até mesmo de conselhos a respeito da profissão e de como se comportar diante da mesma. Espelhar-nos em professoras que nos motivem, que se preocupam com seus alunos é uma forma de montar uma bagagem de inspirações.

Em síntese acreditamos que é importante que os cursos de formação de professores de matemática ofereçam possibilidades, desde os primeiros anos, de aproximação dos graduandos com os campos de estágio e com profissionais que atuem nas diferentes áreas. Para que se ampliem as experiências, reflexões em torno da prática docente e funcionamento da profissão docente.

6. Referências

LÜDKE, Menga; BOING, Luiz Alberto. O trabalho docente nas páginas de educação & sociedade em seus (quase) 100 números. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 28, n. 100 - Especial, p. 1179-1201, ut. 2007 1179 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

MANRIQUE, Ana Lúcia; LÜDKE, Menga. O estágio em cursos de licenciatura: que reflexão? Que conhecimentos? *VII seminário redestrado* – nuevas regulaciones em américa latina Buenos aires, 3, 4 y 5 de julio de 2008.

GAERTNER, Rosinete; Oechsler, Vanessa. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação do professor de matemática. **REVEMAT** - Revista Eletrônica de Educação Matemática. V 4.6, p.67-77, UFSC: 2009.